

EDUCAÇÃO *em primeiro lugar*

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, lançou, no final do mês de setembro, durante a 67ª Sessão da Assembleia-Geral da entidade, o plano Education First, uma iniciativa global que visa a um futuro melhor para a humanidade por meio da valorização da educação. O projeto é liderado por ele e reúne diversos líderes mundiais. Serão investidos 1,5 bilhão de dólares de fundações particulares e de empresas para ampliar o acesso e a qualidade do ensino e da aprendizagem no mundo.



Benjamin Ribeiro*

A solenidade foi acompanhada por chefes de Estado, ministros de diversos países, dirigentes de agências da ONU, jovens, representantes da sociedade civil, dirigentes de grandes corporações e pelo ministro da Educação do Brasil, Aloizio Mercadante.

O projeto tem como metas gerais melhorar o perfil político da educação, fortalecer o movimento global para atingir uma educação de qualidade e gerar fundos adicionais, pois, segundo Ban Ki-moon, os avanços nesse segmento terão impacto em todas as chamadas Metas do Milênio da ONU, incluindo os índices de mortalidade infantil e materna e de renda. A iniciativa tem três prioridades específicas para os próximos cinco anos: incluir todas as crianças na escola, estimular a cidadania global por meio da educação e melhorar a qualidade da aprendizagem.

Do ponto de vista econômico, o acesso à educação não é a garantia de obtenção de melhores resultados. O fato de manter um grande contingente populacional na escola não implica necessariamente progresso técnico-científico e muito menos da economia. No Brasil, o que está sendo

Do ponto de vista econômico,
o acesso à educação não é a garantia
de obtenção de melhores resultados.

deixado em segundo plano é a qualidade do ensino. O País se prende aos aspectos quantitativos, perdendo de vista o caráter qualitativo da educação, que é o verdadeiro responsável pelas mudanças profundas na estrutura do seu desenvolvimento.

A iniciativa de Ban Ki-moon é louvável e mostra a preocupação dos líderes mundiais com a educação, principalmente em países em desenvolvimento. No Brasil, por exemplo, além da qualidade do ensino, temos problemas sérios com a evasão escolar, pois dados divulgados recentemente pelo IBGE mostram que, em 2009, a quantidade de adolescentes, de 15 a 17 anos, longe dos bancos escolares, era de 14,8% e, em 2011, cresceu para 16,3%, o que corresponde a 1,722 milhão de jovens. Não podemos nos esquecer, também, dos 12,9 milhões de brasileiros analfabetos.

Por todas essas razões, insisto na tese de que o grande problema do ensino público do nosso País não é só de verbas, mas sim, e principalmente, de gestão. Atualmente, o Congresso Nacional estuda a aprovação do Plano Nacional de Educação, que pode decidir a inclusão de verbas de até 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação.

De nossa parte, como educadores, só podemos aplaudir iniciativas como essa da ONU, que visam a alcançar níveis aceitáveis, melhorando assim a condição de ensino e de aprendizagem das populações mundiais e, principalmente, da brasileira. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieesp)

benjamin@einstein24h.com.br